

# Combates pela Revolução Francesa

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Michel Vovelle

# Combates pela Revolução Francesa

Tradução  
Jorge Coli



editora  
**unesp**

© 1993, 2001, Éditions LA DÉCOUVERTE, Paris, France  
© 2022 Editora Unesp

Título original: *Combats pour la Révolution française*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br)

[atendimento.editora@unesp.br](mailto:atendimento.editora@unesp.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/941

---

V973c Vovelle, Michel

Combates pela Revolução Francesa / Michel Vovelle; tradução  
e notas por Jorge Coli. – São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Tradução de: *Combats pour la Révolution française*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-078-2

1. História. 2. França. 3. Revolução Francesa. I. Coli, Jorge.  
II. Título.

2021-3087

CDD 940.04

CDU 94(4)“1789/1799”

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## Sumário

Combates pela Revolução 9

### I. Historiografia

- A galeria dos ancestrais 17
- Alphonse Aulard (1849-1928) 33
- Georges Lefebvre 45
- A memória de Ernest Labrousse 63
- Albert Soboul, historiador da sociedade 77
- A historiografia da Revolução Francesa às vésperas  
do bicentenário (I) 87
- A historiografia da Revolução Francesa às vésperas  
do centenário (II) 107
- A Revolução terminou? 123
- Reflexões sobre a interpretação revisionista da  
Revolução Francesa 133

## II. As grandes oficinas

- Revolta e Revolução 143
- A Revolução Francesa e a cultura 151
- A Revolução Francesa e o mundo rural 163
- Revolução, liberdade, Europa 173
- A Revolução Francesa e seu eco 193
- 1789-1917 223

## III. Mentalidades

- O acontecimento 271
- Identidade e temperamento, a formação das opções coletivas na França moderna: o diálogo entre antropólogos e historiadores 281
- A mentalidade revolucionária 299
- O medo na Revolução Francesa 315
- Razão e violência na descristianização do ano II 333
- Os Azuis da Bretanha 349
- A infância e a família na Revolução Francesa 363
- A infância heroica sob a Revolução Francesa 375
- Da razão ao Ser Supremo 389

## IV. Imagens

- Saint-Denis, ou O juízo final dos reis 411
- Os autos de fé das pessoas reais nas mascaradas do ano II 419
- A simbologia da República no mundo das alegorias revolucionárias 431
- A alteração da imagem real através da estampa e da canção (1788-1794) 439

## V. Tomando partido

- Sobre o “Danton” de Wajda: a Revolução não é um “delírio” 465

Por que ainda somos robespierristas?	475
10 de agosto a 21 de setembro: da queda da monarquia ao nascimento da República	491
A morte do rei	497



## Combates pela Revolução

Não foi sem escrúpulos, nem sem hesitação, que cedi à demanda de meus colegas, desejosos de marcar por meio de uma publicação os dez anos que eu consagrei à direção do Instituto de História da Revolução [Institut d’Histoire de la Révolution], compondo esta coletânea de textos que, além disso, foram escritos por mim. Pois, para ser sincero, não me agradam as comemorações – ainda mais quando podem passar por uma autocelebração ou, no mínimo, por uma apologia.

Quiseram os acasos da História que essa década coincidissem com a preparação, seguida do desenrolar e do corolário, do bicentenário da Revolução, investindo-me tanto em minha atividade pedagógica quanto no papel que fui levado a assumir frente à comissão de pesquisa científica para o bicentenário, de considerável responsabilidade. Se me mostrei, como se dizia em 1793, “à altura das circunstâncias”, não sei – e não cabe a mim dizê-lo. Mas sei que esses dez anos foram de combate por certa ideia de História, por certa ideia da Revolução. Como meus predecessores nesta cátedra, mas com uma particular exasperação

devido às circunstâncias, tive de enfrentar um emaranhado de contradições: historiador, com minhas ideias, gestor e coordenador, levado – sem que fosse constricto – a ser duplamente pluralista, porta-voz, pela ocasião, de um discurso cívico tal qual o foram Aulard ou Lefebvre em conjuntura comparável.

Rude disciplina para um pesquisador que tem seu ritmo peculiar, suas empreitadas pessoais, que nem sempre convergem para o objeto “Revolução”. “Fulano escreveu, e Vovelle disse”: o veredito, de mais a mais proferido com simpatia por um colega anglo-saxão, é severo, mesmo que corresponda apenas a uma parte da realidade. Pude, nessa década, me exprimir em uma dúzia de obras, ainda que em colaboração, e em mais de oitenta artigos, prefácios ou introduções.

Mas é verdade que corri muito, mesmo fazendo questão de sempre preservar a integralidade de minhas tarefas pedagógicas: “missionário patriota” ou “apóstolo cívico”, percorri a França, de colóquio em colóquio, e o mundo inteiro – quase cinquenta missões no estrangeiro em 1989 – para falar da Revolução. Dei entrevistas; publiquei nos órgãos de imprensa que aceitaram acolher ou que solicitaram minha prosa, compensando o espaço bastante reduzido que a mídia em geral reservava a um discurso que nada tinha de midiático; participei de aberturas de colóquios e ocasionalmente de seus encerramentos, apresentando no calor da hora a síntese daqueles debates. Tanto na França como fora dela, falei para audiências muito diversas a respeito dos temas que se impunham, preocupado em responder a uma demanda coletiva cuja amplidão surpreendeu a todos aqueles que quiseram lhe dar atenção. Mas, no nível propriamente científico (onde se define a fronteira?), não raro fui levado também a relatar os avanços, a tentar estabelecer o estado de coisas, com o maior rigor quanto à objetividade e à clarividência, no seio de um debate historiográfico e ideológico constantemente enviesado pela dilatação midiática, com um fundo de segundas intenções políticas, em uma conjuntura incerta, fluida, tanto na França quanto além, bastante apropriada para fazer esquecer os objetivos

essencialmente científicos de um debate que amiúde deu lugar à polêmica. Quantas vezes – entre 1988 e 1990 – não revisei meu manuscrito, esse “balanço do bicentenário”, reescrito sem cessar para adaptá-lo às realidades movediças do momento?

No mais, concordo que não fui uma testemunha passiva. Persuadido de que a historiografia da Revolução Francesa deve mudar para responder a novas interrogações, parte pessoalmente interessada nas empreitadas de minha pesquisa como nas daquelas que pude instigar, contribuí com meu ponto de vista, recusando todo dogmatismo, mas cioso em dizer onde se encontram, para mim, os caminhos do futuro, assim como em assinalar seus impasses, em denunciar os empreendimentos aventureiros em um contexto em que não eram poucos os que sonhavam em dar um fim, de uma vez por todas, à inoportuna lembrança da Revolução. O testemunho que trago é engajado – portanto, recusável – e é, sem dúvida, a isso que se deve, em parte, o fato de o primeiro esboço desta coletânea, proposta em 1989 à Liga da Educação [Ligue d’Enseignement] e à Liga dos Direitos Humanos [Ligue des Droits de l’homme], não ter produzido resultado editorial imediato: e certamente foi melhor assim. Superado aquele momento, e aparentemente pacificadas as polêmicas, é a ocasião oportuna para uma história mais serena, de um testemunho mais distanciado que se torna, ele próprio, objeto da história, documento para aqueles que hão de redigir a crônica do bicentenário.

Restava uma escolha a fazer para responder à solicitação que me foi dirigida. Não foi sem apreensão que retomei os arquivos dessas dezenas de escritos, elaborados no calor da pesquisa. A visão que se tem de si próprio é indubitavelmente a mais cruel. Uma vez que se incorporaram ao debate reflexões elaboradas e contestações abrangentes, não teria eu apenas repetido uma velha canção, como um último combatente em retirada de uma batalha já perdida? Alguns destes textos parecerão simples, demasiado simples em sua própria pedagogia, àqueles que se eximem de enfrentar a realidade do terreno, de uma Revolução a ser compreendida... E acrescentava o velho Aulard, há quase um

século, “para compreendê-la, é preciso amá-la”. Que arcaísmo! Assim, descartamos os escritos que encontraram justificação no contexto em que foram produzidos. A conferência sobre “A Revolução Francesa e os direitos do homem” foi pronunciada em Seul, em 1988, em uma universidade em que se entrava por uma porta nos fundos, enquanto estudantes e policiais se enfrentavam no câmpus e na cidade. A tal texto teria faltado esse ruído de fundo para corrigir a banalidade aparente. E o mesmo vale para outra conferência, sobre Revolução e Contrarrevolução, proferida em Luçon, diante de 350 ouvintes, no coração da Vendéia patriota. Essa montagem aqui apresentada deve ser lida em vários níveis: sob o tema da “Historiografia”, apresenta minha participação no debate de ideias que tão profundamente marcou o período. Dirão que deixei o melhor para a tradição, para a herança daqueles que, há um século, fundaram as bases da história universitária da Revolução. Mas essa herança, eu não a recuso, essa historiografia da qual hoje muitos gostam de debochar, que, mesmo tendo reexumados os estratos mais antigos, ainda não proferiu suas últimas palavras e conserva valor operatório. Por sinal, evocá-la hoje, sem complacência e sem condescendência, significa apreciar aquilo que mudou, avaliar a amplitude e os limites dos questionamentos, mas, sobretudo, mensurar o quanto se alargaram os territórios da pesquisa, da abundância das interrogações que resulta do fato que hoje não existe mais um discurso hegemônico sobre a Revolução, e que isso é bom. Passadas as turbulências de um debate polêmico, no breve instante do bicentenário, poderemos apreciar o lado bom das coisas, uma estimulação, uma lufada de ar fresco, a reclassificação também ao fim de um combate sem vencedores nem vencidos, mas do qual ninguém saiu ileso. Sob o título “Canteiros em construção”, não pretendi trazer os elementos de um balanço científico, cujos eixos mais importantes tentamos esboçar em outra obra,<sup>1</sup> mas apresentar ao menos algumas

---

1 M. Vovelle; A. Debaecque (orgs.). *Recherches sur la Révolution: un bilan des travaux scientifiques du Bicentenaire*. Paris: La Découverte, 1991.

das sínteses em andamento, sobre as quais minha participação nos diferentes colóquios possibilitaram discorrer tanto no que se refere a temas gerais – A Revolução e o mundo rural, os ecos da Revolução – quanto a pontos mais particulares que inauguraram novas perspectivas, como a criança e a família. Apresento-me como testemunha, comentador, às vezes também pedagogo, quando se tratava de revelar para um público não universitário os aspectos desconhecidos de uma historiografia diferente. Espero que me perdoem por ter reservado um lugar privilegiado aos domínios aos quais consagrei minha pesquisa e em particular ao da história das mentalidades, com uma atenção especialmente voltada à imagem, à iconografia, suporte privilegiado de novas abordagens. São contribuições pessoais que trago aqui, mais pontuais, ora em resposta às solicitações do tema imposto por um colóquio, ora como fruto de entressafra de uma pesquisa que eu nunca quis interromper.

Além disso, era preciso, no fim das contas, arriscar o escândalo ao apresentar reações brotadas no calor da hora, ou profissões de fé de um historiador que afirma, desavergonhadamente, suas preferências, assim como suas convicções, a respeito de uma história que não tolera a tibieza. Um escândalo muito pequenino, por sinal, se nos referimos àquilo que poderíamos chamar, em poucas palavras, de tradição republicana! Espantar-se com o escamoteio do aniversário do 10 de agosto de 1792, com a discrição na celebração da República, ou com a operação midiática em torno da execução de Luís XVI... Voltar a Danton e Robespierre, para lembrar – sem dúvida, ingenuamente – algumas evidências, e que a história é coisa séria, e não o reflexo dos humores em voga. Lendo meu comedido elogio a Robespierre, alguns – os mais indulgentes – não disfarçarão sua compaixão, outros encontrarão a confirmação de um juízo esperado, e uns poucos, espero, se reconhecerão nele.

Nesse ponto, assumo meu arcaísmo e o duplo personagem de um historiador que jamais desejou dissociar a exigência de escrúpulo, de abertura e de recusa a todo dogmatismo, do senso

de responsabilidade diante de certos valores dos quais a Revolução foi o cadinho. Hoje, mais do que nunca, esses valores precisam ser defendidos. Ao travar um combate por certa ideia de história, pretendi travar um combate também pela Revolução.

# I Historiografia



## A galeria dos ancestrais<sup>1</sup>

Há um pouco de lenda na história da cátedra da Sorbonne consagrada à Revolução Francesa. Ou, pelo menos, do que dela subsiste, já que outra revolução, mais modesta, em maio de 1968, teve, entre suas consequências, a abolição das “cátedras” da antiga universidade.

Ela é frequentemente apresentada como uma espécie de fortaleza do jacobinismo, guardiã de uma tradição estabelecida há um século, pela transmissão da tocha de um mestre a outro: Aulard, Mathiez, Lefebvre, Soboul. Imaginamos esses guardiões do templo como rabugentos, batalhadores, zelosos. Parecem ser os depositários de uma ortodoxia, transmitindo, sobre a Grande Revolução, uma leitura que chamamos de clássica, quando somos prudentes, ou de “jacobina”, quando buscamos designar sem qualquer ambiguidade o objeto do debate. Esse esquema tolera variantes, como na genealogia reconstituída: alguns a fazem começar com Mathiez, seja porque, muito injustamente,

---

1 Publicado originalmente em *Magazine Littéraire*, out. 1988.

esquecem Aulard, o patrono fundador – ainda que ele tenha sido titular dessa cátedra ao longo de 36 anos (mais de um terço de sua duração) –, seja, ao contrário, por querer afastar esse defensor de Danton do grupo dos robespierristas, jacobinos marxizantes, de Mathiez a Soboul. Encontrei recentemente outros autores que, em contraposição, encerram a ilustre linhagem em Georges Lefebvre, considerando que, depois de 1945, a árvore se tornou estéril: o que é uma deselegância para com Soboul e alguns outros, passados, presentes ou futuros. Uma injustiça, notemos, que não poupa a leitura recebida em comum, pois também se esquece, sem cerimônia, de Philippe Sagnac, Maurice Dunan ou Marcel Reinhard... A história é cruel, e mais ainda a historiografia, quando avançamos sobre um campo sensível da pesquisa, mesmo que se argumente tratar-se do preço cobrado pela particular atenção consagrada a esse ensino.

Perdoem-me, então, por, sem mais delongas, começar recapitulando, em linhas bem gerais, as etapas de uma aventura iniciada há pouco mais de um século, em 1886. É quando se aproxima o primeiro centenário<sup>2</sup> que, de acordo com o relato de Alexandre Millerand, a cidade de Paris cria, na Sorbonne, um ensino de história da Revolução Francesa, o qual é confiado a Alphonse Aulard, na condição de *chargé de cours*.<sup>3</sup> Esse ensino, cinco anos mais tarde, erigir-se-á em cátedra magistral, da qual Aulard permanecerá como titular até sua aposentadoria, em 1922. Esse professor concursado de línguas para o ensino médio, autor de uma tese sobre Leopardi, chegou aos estudos revolucionários, aos 37 anos, por conta de uma publicação sobre os oradores da Revolução (1882).

Foi Gabetta que o fez amar Danton; Clemenceau assistiu à sua aula inaugural. Aulard é um fervoroso democrata: sabe que, em sua batalha pela República, seu posto é de combate: “Se você for sábio”, dizem-lhe, “vai desagradar ao conselho municipal; se

---

2 Da Revolução Francesa. (N. T.)

3 Professor do ensino superior, contratado sem estabilidade. (N. T.)

não o for, vai desagradar à administração: nos dois casos, você será suprimido”. Aulard conseguiu não apenas sobreviver, mas se impor e conservar-se em uma Sorbonne que ele pretendia moderna, zombando dos tradicionalistas e dos “ignorantinos”.<sup>4</sup>

Quando se aposentou, em 1920, para dar lugar a Sagnac, apresentou o balanço de seu magistério: “Honrei a Revolução como queria o conselho municipal, ou seja, com a verdade. Pela aplicação do método histórico, contribuí para a inserção da Revolução Francesa na história. Na Sorbonne, tive alunos. Eles, por sua vez, foram professores... Não se ousa mais escrever sobre a Revolução, mesmo que para condená-la, sem apresentar textos e sem citar suas fontes”. Dupla, ou mesmo tripla profissão de fé pela qual define a si próprio, com bastante justeza, como um pedagogo, um erudito, um republicano.

Deixou a lembrança de um grande professor, tal como então se imaginava, de barba e lornhão, “extremamente exigente”, como se diz, mas acolhendo a todos, desde o abade Giraud, cujo trabalho versa sobre a vida religiosa em Sarthe, até Albert Mathiez, que quase nunca o poupa, mas que o defende em 1903, ao arguir sua tempestuosa tese. Porém, se Aulard conseguiu impor respeitabilidade, é porque foi também, antes de tudo, um pesquisador e um erudito. Contribuiu enormemente na organização dos estudos revolucionários, então em plena expansão, desempenhando com diligência seu papel na Sociedade de História da Revolução Francesa [Société d’Histoire de la Révolution française], dando renovado vigor, a partir de 1887, à revista *La Révolution Française*, da qual é editor e cuja hegemonia só será contestada em 1908, com o nascimento dos *Annales Révolutionnaires*, uma iniciativa de Albert Mathiez, aluno que se tornou rival.

“Leremos, analisaremos documentos”, escreveu Aulard, representante da grande tradição positivista, recomendando aos alunos que sempre se fiassem às fontes, evitando ceder ao

---

4 No original, *ignorantins*: termo jocoso usado no século XVIII para se referir aos frades dos colégios cristãos. (N. T.)

espírito “tudesco”. Nesse sentido, contribuiu vigorosamente para o imenso trabalho de publicação de textos que ocorre então, por iniciativa do Estado ou da Cidade de Paris: 26 volumes do *Recueil des Actes du Comité du Salut Public* [Coleção das Atas do Comitê da Salvação Pública], 6 para os autos da Sociedade dos Jacobinos, 5 de documentos a respeito de *Paris pendant le Directoire*, 4 sobre o Consulado e 2 sobre o Primeiro Império... Balanço impressionante de uma atividade de coordenação (mesmo que tenha sido, ocasionalmente, recriminado por deixar nas sombras seus colaboradores).

Depois do erudito e do professor, o historiador. Uma atividade indissociável das precedentes, pois seus cursos forneceram a matéria dos nove volumes dos *Études et le cours sur la Révolution française*, publicados de 1898 a 1924. Mais precisamente, ele se interessou pela história religiosa – tema incandescente na época do “combismo”<sup>5</sup> – publicando *Le culte de la Raison et le culte de l'Être Suprême*, *La Révolution française et les congrégations*, publicando ainda, no fim de sua vida, uma última síntese sobre o assunto: *Le Christianisme et la Révolution*. Aulard, que prefere o título de livre-pensador ao de racionalista, não disfarça sua posição. “Não digamos mais ‘não queremos destruir a religião’. Digamos, ao contrário: queremos destruir a religião”, acrescentando, porém, que quer fazê-lo pela paz e pela persuasão.

No entanto, Aulard se impôs antes de tudo como historiador da política: sua *Histoire politique de la Révolution française*, publicada em 1901, permanece, segundo a expressão do próprio Albert Mathiez, um “monumento de imensa erudição e de serena imparcialidade”. Seus modelos? Michelet, mas sobretudo Quinet, que soube julgar “com inteira independência”... Seu antagonista? Taine, a quem consagra um ensaio em 1907 e que permanece, para ele, “aquele que tudo vê, tudo compreende, nada questiona,

---

5 Movimento de laicização das instituições defendido por Émile Combes, político, ministro, arteção importante da lei francesa de 1905 que decretava a separação entre igrejas e Estado naquele país. (N. T.)